

Suely Kofes  
(Unicamp) APRESENTAÇÃO

*A luva é um documento  
Com que provo o esquecimento  
Daquela que me esqueceu*

....

*A luva é um documento  
De pelica e bem cinzento  
Que lembra quem me esqueceu<sup>1</sup>*

Em uma revista maçônica eletrônica<sup>2</sup> circula uma charge com a figura de seis homens sorridentes, cada um com uma taça de vinho em uma das mãos, semelhantes em aparência física, vestindo roupas cerimoniais iguais, a faixa e o avental. No avental aparecem impressos o esquadro e compasso. Os seis estão divididos em dois lados (três figuras de cada lado), o foco do desenho estando em dois deles. Um em frente ao outro erguem uma taça de vinho com a mão esquerda enquanto entrelaçam<sup>3</sup> a mão direita. Sob a figura, cercada pela imagem do esquadro e o compasso, a frase: *Are you a Mason?*

A ironia da pergunta estaria na obviedade dos sinais de reconhecimento da identificação maçônica em relação à visão corrente do mistério, da aura de segredo atribuída à identificação dos maçons; também estaria nos símbolos básicos comuns compartilhados pelos maçons e, neste caso, ironizam-se as fissões maçônicas.

Ambas as interpretações são possíveis se considerarmos os embates no campo maçônico e os dilemas de maçons e da maçonaria contemporânea.

Ao pesquisar a maçonaria me concentrei inicialmente em algumas noções como, por exemplo, a de segredo, a de iniciação ritual, a de convicções morais, a de política, a de filantropia e a de ajuda mútua, que, combinadas ou sob tensão disjuntiva, circunscreveriam o campo interno dos ideais e pressupostos maçônicos, bem como as suas transformações e contextos de embate, em torno, por exemplo, de mito e história; ritual e escrita, segredo e publicidade,

ética e corrupção. Desde o início da pesquisa (na literatura nacional e internacional, publicada em livros, jornais e revistas impressos e em sites da internet; na observação de organizações locais da maçonaria; e em entrevistas com maçons, considerando particularmente o período de 1950 até os dias atuais<sup>4</sup>), eu notara a importância de textos escritos e também das imagens (pela já sabida convenção da arquitetura, de instrumentos e desenhos relativos à construção como fontes para a simbologia maçônica). Com o desenvolvimento da pesquisa, principalmente depois de visitas – reais – a museus maçônicos e – virtuais – às páginas maçônicas na Internet (inclusive visitas virtuais a outros museus), defrontei-me com a presença freqüente de peças de roupas, móveis, jóias, brasões, bordados, quadros, esculturas, desenhos e letras, configurando o reconhecimento da maçonaria. Reproduzindo-se e traduzindo-se em locais distintos, estes objetos põem em circulação valores morais e historicidades. Através deles são tecidos sentimentos de pertencimento e redes de socialidade, sustentam-se concepções e relações e demarcam-se distinções no campo maçônico. Portanto, arquitetura e objetos, e arquitetura e objetos em imagens, bem como o embate sobre os seus sentidos, são constituintes e constitutivos do campo da maçonaria.

Pretendo apresentar uma parte mínima do acervo até agora encontrado e sugerir a importância deste aspecto para a reprodutibilidade e os sentidos da cultura material nas continuidades e mudanças, internacionalizações e traduções locais, em ações e recrutamentos associativos e políticos. Eu lembraria então o que diz Keane (1994:613): “The possession of things must manifest links to recognizable types of action, the forms of ceremonial exchange which are central to the construction and maintenance of valuable social identities”.

A instituição maçônica – em sua organização, história e processo de transformação – deve ser considerada como o quadro sociológico que torna possível a política de circulação dos objetos como signos e valores. Mas, ao mesmo tempo em que fornecem esta referência – que possibilita uma identificação no campo maçônico –, os objetos maçônicos são passíveis de diferentes leituras e usos. Um jogo entre separações e junções, relações de identificações e diferenciações.

## DE OBJETOS, MERCADORIAS E CHURINGAS<sup>5</sup>: NA POLÍTICA DAS SINGULARIZAÇÕES E DAS CONEXÕES

---

“Whatever the effectiveness of advertising in ensuring the success of any particular product, it does seem true that contemporary modes of representation in advertising (particularly on television) share a certain strategy. The strategy consists in taking what are often perfectly ordinary, mass-produced, cheap, even shoddy, products and making them seem somehow (in Simmel’s sense) desirable-yet-reachable. Perfectly ordinary goods are placed in a sort of pseudoenclaved zone, as if they were not available to anyone who can pay the price” (Appadurai 1997:55).

“Porque nada é mais fácil para as coisas do que se encadear, metamorfosear-se umas nas outras” (Baudrillard 1996:132).

Não somente a propaganda, eu diria, reagindo ao que afirma a primeira epígrafe. Na crítica de Appadurai ao suposto de que o espírito da troca de mercadorias seja totalmente divorciado do espírito de outras formas de troca, encontramos o que diz Simmel sobre a troca como fonte de valor. Supostos semelhantes já estimularam muitas pesquisas e reflexões sobre a relação entre valor e política e a transformação de sentidos de coisas comuns, objetos produzidos em massa mas que podem particularizar-se através de um acréscimo simbólico, objetos comuns, com igual valor econômico, diferenciados como objetos de valor simbólico, ou melhor, objetos comuns e objetos de valor.

Quero mostrar neste artigo um caso particular de personalização e de particularização de objetos comuns.

O caso da maçonaria contemporânea é particularmente importante para esta discussão tendo em vista o caráter desta instituição, que sustenta como memória a sua importância política e conserva uma concepção de si mesma como ordem sagrada atuando no profano<sup>6</sup>. Uma análise da maçonaria mostra o seu dilema em ser reconhecida como uma sociedade ritual fundada na manutenção de conhecimentos e de segredos e/ou como uma associação definida por um sistema de moralidade, filantropia e uma rede de ajuda mútua. Os objetos rituais maçônicos concentram os sentidos acima citados, reproduzindo-se assim em uma “cultura material maçônica” como emblemas e churingas – como emblemas, porque oferecem um campo de reconhecimento comum; como churingas, porque guardam uma temporalidade, para os maçons são objetos e lugares de memória e são simultaneamente acionados para expressar e efetuar transformações.

### **Peças de museu e rastro histórico**

Os objetos maçônicos conservados em museus maçônicos e templos não apenas fixam a história da maçonaria, são também rastros históricos atualizáveis e é desta maneira que se situam estrategicamente nos processos de transformação desta instituição.

Nos museus são expostos bandeiras de diversas Lojas, retratos de maçons ilustres, documentos e livros históricos, matrizes de selos, objetos maçônicos antigos, quadros referentes a acontecimentos importantes para a história da maçonaria ou referentes a sua atuação em acontecimentos históricos gerais (por exemplo, no Brasil, na abolição da escravidão). Assim, guardam a temporalidade, a historicidade da maçonaria, e são traduzíveis em sua circulação. Tais objetos e documentos podem assim ser classificados pela própria maçonaria como identitários<sup>7</sup>, como testemunhos da maçonaria para a sua reprodução, como os selos e os documentos (tais como atas e assinaturas concernentes à criação de Lojas); e objetos considerados como os mais demonstrativos da pessoa maçônica, porque testemunham diretamente a pertença do maçom à comunidade maçônica e porque expressam o grau do maçom na ordem maçônica, como os aventais e as jóias. Tais objetos são designados também como objetos simbólicos e rituais.

Mas este caráter “identitário”, da instituição e da pessoa maçônicas, transfere-se e, assim, objetos comuns se tornam objetos de prestígio, como porcelanas e cerâmicas<sup>8</sup>, baús, esculturas, caixas, relógios, canetas, abotoaduras, objetos marcados como maçônicos.

Vemos então em museus maçônicos, ao lado de objetos rituais maçônicos, muitas peças decorativas comuns, mas que, com os desenhos dos símbolos maçônicos, foram singularizados como objetos maçônicos. Por exemplo, a faixa, uma peça ritual, e objetos de cerâmica e porcelana com desenhos maçônicos.

Ao guardarem e exporem estes objetos que condensam a história da maçonaria, os museus relacionam valores a personagens exemplares. A visita aos museus é assim parte da formação e da continuidade da pessoa maçônica.

Embora a implantação de museus e memoriais maçônicos abertos à visitação pública não seja tão comum no Brasil, também não estão ausentes. O Grande Oriente, por exemplo, possui um Museu no Rio de Janeiro, o Museu do Palácio do Lavradio, e em 1995 abriu em Brasília o Museu Maçônico Ariovaldo Vulcano. Este último foi formado a partir da doação do acervo familiar de um maçom do século XIX e de doações de maçons paulistas. No museu Ariovaldo Vulcano há galerias com exposição de documentos e de objetos maçônicos, como atas de fundação de Ordens e Lojas, cartas assinadas por maçons, guias rituais para os maçons.

Mas a função de produção simbólica do maçom e de reprodução simbólica da maçonaria também se multiplica fora dos museus. Esta função se multiplica pela sistemática da junção entre objetos e símbolos em diferentes lugares.

Os templos maçônicos guardam objetos equivalentes – ou a reprodução de suas imagens – em sua arquitetura, decoração, arquivos e bibliotecas. Desenhos e imagens que identificam os prédios, livros, revistas, documentos e sites maçônicos. Ou ainda, constituem rastros de sua história<sup>9</sup>.



Prato com símbolos maçônicos, objeto do acervo do Museu do Grande Loge de France ([www.gldf.org/musee/images\\_musee/assiete](http://www.gldf.org/musee/images_musee/assiete)).

### Nos sites maçônicos, objetos maçônicos como mercadorias, mercadorias como objetos maçônicos



Relógio com símbolo maçônico vendido em butiques maçônicas, reais e virtuais. Esta foto, por exemplo, é divulgada pelo "Masonic Supplies Thefreemason", cujo *newsletter* recebo semanalmente através de assinatura (ver o site [www.thefreemason.com](http://www.thefreemason.com)).

A visita a um site maçônico<sup>10</sup> é uma entrada em um universo muito mais complexo, e revelador, pelo menos superficialmente, do que a entrada em um templo ou museu maçônicos reais. Encontram-se nas páginas dos sites, hinos maçônicos, revistas e jornais eletrônicos, fotos, endereços de Lojas, quadros estatísticos sobre a distribuição regional e cronológica da criação de Lojas Maçônicas de vários lugares no mundo. Sem se caracterizarem exclusivamente como sites de vendas, muitos deles contêm uma chamada para a compra de objetos. Entre estes objetos há vários relógios, idealmente masculinos, nos quais os ponteiros fazem seu giro não sobre números mas sobre símbolos maçônicos. Além dos relógios, são expostos e oferecidos broches e pingentes, anéis, vestuário (calças, paletós, gravatas), objetos e roupas rituais (luvas, bastões), móveis, presentes (abotoaduras, prendedores de gravata), pastas, discos, livros.



Jóia maçônica vendida em butiques maçônicas, reais e virtuais (ver o site [www.thefreemason.com](http://www.thefreemason.com)).

Objetos como estes podem ser vistos em museus maçônicos, e símbolos maçônicos como os impressos nos objetos podem ser vistos nas construções maçônicas. Nos objetos, os de museu e os vendidos em butiques e sites maçônicos, nas construções maçônicas, multiplicam-se o compasso e o esquadro.



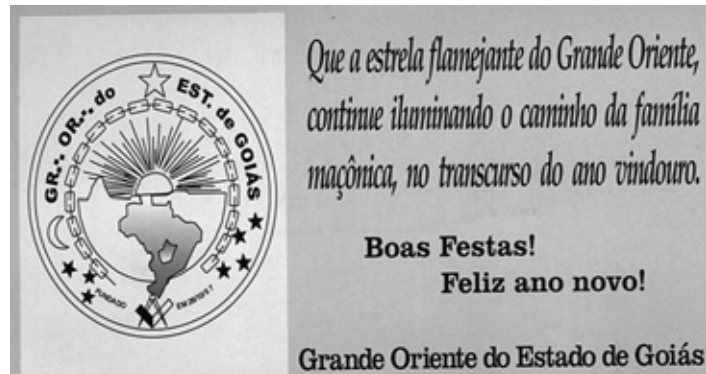
Construção maçônica em uma cidade do interior de Goiás com 28,6 mil habitantes (Foto: Suely Kofes).

Objetos comuns marcados como objetos maçônicos circulam também no cotidiano, em escritórios e residências de maçons. Assim, sobre uma escrivaninha na casa de um maçom que eu entrevistava havia um calendário de mesa como tantos outros, mas um “calendário para maçons”:

No lado esquerdo do desenho, o círculo com o nome abreviado especifica o Grande Oriente do Estado de Goiás. No centro, sob um sol nascente brilhante, o mapa do Brasil com o destaque do estado de Goiás. Entre a delimitação do círculo e a ponta do mapa do Brasil, o esquadro e o compasso.

No lado direito, antes dos votos padronizados de boas festas e feliz ano novo, a frase: “Que a estrela flamejante do Grande Oriente continue iluminando o caminho da família maçônica, no transcurso do ano vindouro”.

Apesar da complexidade cosmológica da maçonaria, é um símbolo que eruditos maçônicos consideram banal o que é usado para afirmar generalizadamente a presença da maçonaria. O esquadro e o compasso são constantes marcas indiciais da presença maçônica, e são as mais usadas também para tornar pública esta presença.



Calendário distribuído aos maçons do estado de Goiás pelo Grande Oriente do Estado de Goiás, que me foi doado durante a pesquisa de campo (Foto: Suely Kofes).

A ação de multiplicação deste signo, que inclui uma política de recrutamento de objetos, tem como alguns dos seus efeitos diferenciar objetos comuns, marcando-os como objetos maçônicos; reunir objetos e mercadorias comuns e dispersos em uma configuração de valores maçônicos, os quais podem conter o caráter de uso e de objeto ritual. Através da política de recrutamento os símbolos reconhecidos historicamente transitam em objetos distintos, circunscrevendo um campo de reconhecimento comum. Os objetos rituais maçônicos são encontrados como objetos expostos em museus, suas imagens são reproduzidas em arquiteturas maçônicas e em mercadorias. Neste trajeto, as inscrições maçônicas singularizam objetos marcados e buscam conectar maçons através da trajetória de objetos – os quais, como quer Kopytoff (1997), adquirem uma biografia<sup>11</sup>.

Para situar alguns dos sentidos atribuídos ao símbolo mais generalizadamente escolhido para marcar a presença da maçonaria farei um parêntese para explorar, breve e parcialmente, alguns textos maçônicos que remetem aos sentidos do compasso e do esquadro.

## ORIGEM DE UM SÍMBOLO E UMA HERMENÊUTICA DE SEUS SENTIDOS, CONFORME UM TEXTO MAÇÔNICO

---

Há inúmeros textos de maçons que descrevem o simbolismo na maçonaria e interpretam os seus sentidos. Restrinjo-me ao esquadro e ao compasso pela sua generalidade e constância como marcadores da maçonaria, em suas diversas tendências. Estas se expressam em acréscimos simbólicos (a letra G, o olho etc), mas creio poder dizer que o compasso e o esquadro constituem o átomo simbólico da maçonaria (tomada aqui como unidade). Esta simbologia guarda a disputa mítica em torno da origem da maçonaria, assentada na concepção moral da construção da pessoa maçônica e na estrutura triádica que se repõe na hierarquia da iniciação ritual básica (mesmo considerando, evidentemente, as variações de graus), ou seja, os três graus hierárquicos iniciais: aprendiz, companheiro, mestre.

Embora seja necessário enfrentar muitas variantes e diferentes interpretações, vou por enquanto me deter aqui em um recorte mínimo de textos: um discurso de um maçom no qual é feita uma hermenêutica dos referidos símbolos (proferido em uma Loja maçônica e que circula em um site maçom na Internet<sup>12</sup>) e, em seguida, citarei três páginas de um breviário maçônico.

O discurso do maçom começa pela referência à construção de templos (origem mítica da maçonaria) e elabora a relação com o esquadro e o compasso, atualizando esta simbologia em sentido moral, e só depois o autor se dedica a desenvolver a relação da simbologia com a geometria e a razão. Vejamos um trecho da primeira parte:

“Construir templos implica saber medir as dimensões do espaço e do tempo. Os primitivos construtores-livres ou francos elaboraram bases operativas das quais a moderna franco-maçonaria especulativa conserva hoje a memória e o uso simbólico.

Dois peças fundamentais dessa Arte Real, que se mantêm centrais nos dias de hoje, são o esquadro e o compasso, colocados sobre o volume da lei sagrada, sempre que este está aberto na ara maçônica. Mas, o que medem hoje, em sessões de trabalho especulativas, estes instrumentos operativos?

Ao esquadro, que se considera fixo e ligado à matéria, atribui-se-lhe um caráter passivo, enquanto que ao compasso, instrumento móvel que se considera como símbolo do espírito, se lhe atribui um caráter ativo. Em sessão de Loja, o compasso e o esquadro são colocados sobre o altar de três formas diferentes:

- No primeiro grau, o de aprendiz, o esquadro fica por cima do compasso aberto a 45 graus, simbolizando que a matéria se sobrepõe e domina o espírito;
- No segundo grau, o de companheiro, o esquadro é entrecruzado com o compasso, agora aberto a 60 graus, simbolizando o equilíbrio atingido entre a matéria e o espírito;
- Finalmente, no terceiro grau, o de mestre, o esquadro é colocado debaixo do compasso, aberto a 90 graus, simbolizando que o espírito passou a dominar e a transcender a matéria.

Sem dúvida, na atual maçonaria especulativa, o esquadro e o compasso são os instrumentos com que cada livre-construtor de templos se mede a si mesmo, avalia a ação do seu espírito sobre a matéria do seu corpo e da sociedade exterior, quantifica o grau da sua própria libertação, a sua independência em relação às condicionantes do mundo profano”.

No repertório de textos publicados como *Breviário Maçônico* (Camino s/d), o compasso e o esquadro são temas de reflexão para três dias do ano, sendo o terceiro dedicado ao efeito da ação do bom e correto uso do esquadro, efeito este relacionado também com a construção da pessoa moral e corporal do maçom. Vejamos o que é dito para o dia 18 de março, sobre o compasso:

“A régua das 24 polegadas, o prumo, o nível, o esquadro e o Compasso são os instrumentos simbólicos que o maçom deve aprender a manejar com maestria.

Filosoficamente, o homem constrói a si próprio, e para que resulte um templo apropriado a glorificar o grande arquiteto do Universo torna-se indispensável saber usar cada um dos principais instrumentos da construção.

Dos alicerces ao teto, todos eles são indispensáveis, e quando surgir em nosso caminho algo com aparência de incontornável, lancemos mãos da alavanca. Removido o obstáculo, teremos uma edificação gloriosa que nos honrará.

O compasso mede os mínimos valores até completar a circunferência e o círculo. Sejamos o centro desse círculo onde fixamos uma das hastes do compasso e, girando sobre nós próprios, executaremos com facilidade o projeto perfeito.

O entrelaçamento do compasso com o esquadro será o distintivo permanente da maçonaria. Nossa vida é uma prancheta onde grafamos os projetos que, estudados, calculados os seus valores, resultará no caminho completo para a construção de nosso ideal”. (Camino op.cit.:95; grifos meus).

Em no dia 14 de maio, sobre a “esquadria”:

“A esquadria decorre do uso correto do esquadro, que é um instrumento de construção. Quando o maçom assume em loja a postura correta, diz-se estar em esquadria, o que equivale ao perfeito equilíbrio. O maçom aprende, logo após sua iniciação, a postar-se na loja, tanto quando de pé como sentado. A perfeição da postura equivale a um exercício de vida, pois, como sucede com os iogues, assumindo posições adequadas, o corpo humano pode purificar-se ou pelo menos manter a saúde de seu organismo.

Essas posturas maçônicas aplicam-se também à vida profana, uma vez que o maçom deve manter-se em Esquadria, seja mantendo-se ereto ao caminhar, posturando-se ao sentar e pautar o seu comportamento social de conformidade com o aprendizado maçônico. Estar em esquadria significa ser obediente às leis do seu país, interessar-se pelos problemas sociais e pautar sua vida familiar de conformidade com os preceitos que lhe foram ministrados na loja.

Toda vez que, ao caminhar relaxamos o corpo, devemos reagir e endireitar os ombros; isso nos lembrará que a postura é posicionamento relevante para que a vida transcorra normalmente. A esquadria moral é muito importante; o maçom é, sobretudo, alguém que serve de exemplo na conduta social” (Camino op.cit.: 152).



E no dia 15 de maio, sobre o esquadro:

“Somente quem souber esquadrear poderá transformar a pedra bruta em pedra angular e devidamente desbastada, visando – num trabalho oportuno – poli-la e burilá-la para ser transformada em pedra de adorno na construção.

O esquadro que forma um ângulo reto nos ensina a retidão de nossas ações; o maçom em sua linguagem simbólica diz que pauta a sua vida “dentro do esquadro”. Tudo está na dependência da retidão, tanto na horizontalidade como na verticalidade.

Seguindo-se as hastes do esquadro, teremos dois caminhos que vão se afastando, quanto mais distantes seguirem, isso nos ensina que se nossa vida for pautada de forma correta, encontraremos o caminho da verticalidade espiritual e o da horizontalidade material.

Esse instrumento é imprescindível na construção; caso não for usado, teremos uma obra torcida, sem equilíbrio e pronta para ruir” (Camino op.cit.:153).

As imagens reproduzidas do esquadro e compasso, embora não totalizem a complexa cosmologia maçônica, estão impressas em distintos objetos e lugares e estão relacionadas a um sentido mítico, a um uso ritual, a uma teoria, a uma ação e a um valor moral.

## CONCLUSÃO

---

A relação entre objetos materiais, cosmologia, *agency*, valores morais e política não é restrita à maçonaria. Nem a intensificação de marcar objetos produzidos em massa para particularizá-los culturalmente, “personalizá-los”. Ou, instituir um valor dado pela tradição a um objeto até então destituído dele.

Na descrição que eu fiz até agora, tais relações mostram-se em uma configuração específica (ressaltando que a fiz situando-me mais perto de uma perspectiva multi-localizada do que de uma descrição delimitada em um único lugar. A escolha se deve também ao caráter do objeto da pesquisa. Assim, parodiando Marcus (1995), estou “seguindo a maçonaria”. Uma discussão mais específica desta escolha requer outro artigo). A multiplicação de um signo em objetos dispersos (tendo em vista espaço, tempo, substância e forma) encadeia a maçonaria (e maçons) e os objetos (de ritual, de museu, mercadorias, de uso pessoal). Altera-se o valor dos objetos comuns e se criam nexos entre lugares e substâncias distintos entre si. Os valores culturais incorporados (por exemplo, o de gênero de muitos dos objetos e o de gênero em muitos dos objetos), reformulam sentidos de coisas e conectam pessoas.

Consideremos este elo como uma *agency* política, compreendendo como política não apenas o controle da distribuição de bens mas o ato de redimensionar sentidos, de marcar coisas como espécies particulares tendo em vista a conexão entre pessoas e a extensão de concepções. O que, eu sugiro, é parte da estratégia da maçonaria em seu processo de continuidade e mudança.

Afirmando o princípio da construção moral e política (pessoal e institucional), concentrada na idéia da pedra bruta a ser lapidada; afirmando-se como um sistema de conhecimento, definindo-se pelo segredo iniciático ou como um sistema de moralidade, em ambos os casos a maçonaria se afirma idealmente como uma escola de *Formação de Homens e de Cidadãos*, através de uma organização com símbolos e valores concebidos como masculinos.



Embora não consensualmente a maçonaria atual investe na publicidade, em fazer circular informação sobre si mesma para reformular a concepção de que se trata de uma instituição fechada, misteriosa e secreta. Tendo em vista a pretensão internacionalista da maçonaria, esta estratégia encontra na circulação de bens e na Internet o seu equivalente organizacional, a expansão em rede. A homologia formal e a estratégia de ação de maçons combinam-se para possibilitar uma solução de compromisso. Qual compromisso?

A junção entre a “inalienabilidade” dos objetos sagrados e a “alienabilidade dos objetos comerciais”<sup>13</sup>. No que o fazem, reúnem simbolicamente temporalidades distintas, objetos rituais, de museu e objetos comuns, e acrescentam ao valor de uso destes produtos os laços de pertença à rede maçônica. No que o fazem, atualizam a estratégia de tornar visível a maçonaria e conservar, como memória ativa, os símbolos maçônicos e uma estética maçônica, que guardam neles uma densidade histórica e mítica. A política assim efetua uma conjunção entre mistério e publicidade (embora haja também uma política disjuntiva tendo em vista os embates internos), entre laços locais e internacionais, conhecimento e consumo, objeto material e substância histórica e mítica. Como sugestão, pode ser que estejamos diante de algo como uma mais-valia política, um sobre valor que abre para a instituição maçônica a possibilidade de capitalizar a sua estratégia de revitalização contemporânea.

Diante deste “mundo dos objetos” maçônicos, simultaneamente materiais e culturais, fixando sentidos que são traduzidos no movimento dos objetos, caio na tentação de parodiar Mauss (2003) e perguntar: qual é a regra que faz com que objetos de uso comuns e gerais, masculinos, como relógios, gravatas, anéis, entre outros, se tornem objetos de valor maçônicos? E que força há nas figuras do compasso e do esquadro que transformam objetos de uso comum em objetos rituais, sagrados em relação àqueles profanos?

No caso da instituição maçônica, o nexa entre objetos materiais, pessoas e valores não estaria apenas em um equivalente ao que Mauss designa como direito contratual. Estaria também na ação de distribuir em distintos lugares do campo maçônico os signos que acionam os nexos para a continuidade da maçonaria e a disputa pelo seu caráter e pelos seus rumos. Tudo indica que é a dimensão política que reúne, como efeitos possíveis e não como causas primeiras, a circulação dos bens e o contrato entre pessoas.

Dito isto, são ainda muitos os desafios a serem enfrentados para melhor compreender a importância dos objetos maçônicos em suas diferentes direções e traduções.

O primeiro, do ponto de vista da minha pesquisa, implica uma reformulação da ênfase que eu dera até então aos textos. Sem diminuir a sua importância, torna-se necessário situar o seu lugar no campo maçônico e também não menosprezar o caráter de objetos materiais que os próprios textos adquirem na forma de livros, de documentos e revistas. Inclusive, acrescentar à compreensão do processo de transformação da maçonaria não apenas a trajetória dos maçons, também a biografia dos objetos maçônicos, levando em conta as considerações de Igor Kopytoff (1997).

O segundo é o uso destes objetos na prática das maçonarias locais e o seu uso ou importância para os maçons em seu cotidiano, ainda mais considerando os embates constantes na maçonaria em se pretender como unidade, e internacional, e estar constantemente habitada pelo faccionalismo. Assim, a reposição ritual da hierarquia maçônica e o sentidos dos símbolos e suas formas estão também sujeitos ao poder das Lojas regionais e locais.

O terceiro é a relação entre o gênero masculino de muitos dos objetos que circulam no campo maçônico – reforçando a maçonaria como masculina e como uma irmandade entre homens – e a disputa pela iniciação de mulheres na maçonaria, ou mesmo a atuação mais intensa da comunidade feminina que circunda a organização maçônica (as esposas – cunhadas – e as filhas de maçons), as organizações paramaçônicas mistas, ou feministas que pressionam para a expansão de lojas maçônicas femininas.

Entre os maçons que conheci há uma circulação de livros, documentos, revistas, calendários, CDs. Os símbolos impressos em capas de livros, por exemplo, e na arquitetura das Lojas, identificam publicamente um livro maçônico e uma loja.

Finalmente, ainda é preciso compreender os efeitos destes objetos marcados como meios de diferenciação entre os próprios maçons e entre as Lojas. Ou seja, perguntar que sentidos lhes atribuem os maçons, em suas diferenças, diante dos investimentos políticos na banalização do que os identificaria. Mas, o que não é banal é que, internamente, e em suas diferentes manifestações, ainda se mantém contemporaneamente na maçonaria a tensão entre o que é nela compreendido como sagrado e o profano, traduzidos como segredo e publicidade, sociedade iniciática ou sistema de moralidade, mesmo também se considerando como associação política, filantrópica e/ou de ajuda mútua..

*Post-Scriptum:* Eu terminava de escrever este texto quando passei por um carro com um adesivo do Grande Oriente do Brasil. No adesivo, a figura do esquadro e do compasso. Lembrei-me da charge que descrevi no início.

## NOTAS

---

- 1 *Cor de Cinza*, letra de música de Noel Rosa. A composição completa é a seguinte:  
Com seu aparecimento  
Todo o céu ficou cinzento  
E São Pedro zangado  
Depois, um carro de praça  
Partiu e fez fumaça  
Com destino ignorado  
  
Não durou muito a chuva  
E eu achei uma luva  
Depois que ela desceu  
A luva é um documento  
Com que provo o esquecimento  
Daquela que me esqueceu  
Ao ver um carro cinzento  
Com a cruz do sofrimento  
Bem vermelha na porta  
Fugi impressionado  
Sem ter perguntado  
Se ela estava viva ou morta  
A poeira cinzenta  
Da dúvida me atormenta  
Não sei se ela morreu  
A luva é um documento  
De pelica e bem cinzento  
Que lembra quem me esqueceu
- 2 Pietre-Stones Review of Freemasonry/ Rivista di Massoneria/ Revue de Franc-Maçonnerie/ Revista de Masoneria/ Revista de Maçonaria: <http://www.freemasons-freemasonry.com/jokespage.html>, acesso em 20/02/2004.
- 3 As duas mãos masculinas entrelaçadas são também um símbolo maçônico.
- 4 Uma atenção minuciosa às datas de fundação de lojas maçônicas em distintas cidades e países mostra que a instalação abrange desde meados do século XVIII até o ano de 2003.
- 5 Estou retomando aqui a idéia que desenvolvi em outro lugar: “Talvez eu pudesse aqui falar destas ‘inscrições objetivadas’ (ênfasis, no sentido de uma cristalização da temporalidade e de uma referência mais concentrada na pessoa real) como fala Lévi-Strauss sobre os churinga em *O Pensamento Selvagem*: “O papel dos churinga seria, assim, o de compensar o empobrecimento correlativo da dimensão diacrônica: eles são o passado materialmente presente e oferecem o meio de conciliar a individualização empírica e a confusão mítica”. ‘Empobrecimento’ e ‘confusão’, evidentemente, não sendo os termos com que eu preferiria designar as interpretações míticas, nem as narrativas” (ver Kofes 2001:23).

- 6 Sagrado e profano estão sendo usados aqui como noções êmicas, autodefinição encontrada em textos maçônicos sobre a maçonaria. Há tradições maçônicas com um forte vínculo com as políticas nacionais – no caso francês, até recentemente, o Grande Oriente tomou partido, afirmando a sua responsabilidade republicana, com a Lei da Laicização, que proibiu o uso de símbolos religiosos em escolas públicas. No Brasil, conforme Kent Henderson e Tony Pope, a maçonaria parece um pout-pourri (Henderson & Pope 2001:255).
- 7 Identitário é aqui uma noção êmica.
- 8 As referências maçônicas falam das porcelanas alemãs entre os primeiros testemunhos da produção de objetos maçônicos de luxo no século XVIII. Na Inglaterra e na França teriam sido fabricadas cerâmicas, mais populares que as porcelanas.
- 9 Como exemplo, no caso brasileiro, estaria o que é afirmado sobre a cidade de Paraty, ou seja, que ela foi urbanizada por maçons. Em todas as referências à história de Paraty (e que circulam em textos turísticos atuais como guias, folhetos e em páginas da internet) este rastro histórico da maçonaria no Brasil é afirmado através das cores, branca e azul, com as quais, no século XVIII, as portas e janelas da maioria das casas de Paraty eram pintadas (o que permite a comparação com a cidade de Óbidos, em Portugal, citada como uma cidade maçônica). Como afirma um dos textos divulgados pela Secretaria de Cultura e Turismo de Paraty: “As colunas das ruas de Paraty formam um pórtico, uma à direita e outra à esquerda da porta de entrada das casas, ou seja, a mesma função de informar ao visitante que ali mora um maçom, que certamente daria todo o apoio necessário. Através dessa simbologia, o iniciado poderia até saber o grau do maçom de cada residência. Mas a simbologia está muito mais presente em Paraty do que podemos imaginar. Outro exemplo típico é a proporção dos vãos entre as janelas, em que o segundo espaço é o dobro do primeiro, e o terceiro é a soma dos dois anteriores; isto é,  $A+B=C$ , ou seja, a soma das partes é igual ao todo, que se resume no retângulo áureo de concepção maçônica. Até as plantas das casas, feitas na escala 1:33.33, têm a marca da simbologia dos maçons, desta vez da Ordem Filosófica, cujo grau máximo é o de nº 33. Este número é uma referência muito forte. Paraty possui 33 quarteirões e, na administração municipal da época, existia o cargo de Fiscal de Quarteirão, exercido por 33 fiscais”.
- 10 A palavra-chave “freemasons”, jogada na Internet, pode nos trazer mais de 65,5 mil citações (franc-maçonnerie, em torno de 60 mil).
- 11 No sentido que lhe dá o autor: “The biography of things in complex societies reveals a similar pattern. In the homogenized world of commodities, an eventful biography of a thing becomes the story of the various singularizations of it, of classifications and reclassifications in an uncertain world of categories whose importance shifts with every minor change in context. As with persons, the drama here lies in the uncertainties of valuation and of identity. All this suggests an emendation to the profound Durkheimian notion that a society orders the world of things on the pattern of the structure that prevails in the social world of its people. What also happens, I would suggest, is that societies constrain both these worlds simultaneously and in the same way, constructing objects as they construct people” (Kopytoff 1997:90).
- 12 Intitulado “Prancha ‘A Essência do Estudo da Geometria’”. Disponível em [http://www.maconaria.net/prancha\\_essencia\\_geometria.html](http://www.maconaria.net/prancha_essencia_geometria.html).
- 13 Refiro-me à designação de Godelier. Conforme este autor, os objetos de dom, os objetos preciosos, encontram-se entre dois princípios: a inalienabilidade dos objetos sagrados e a alienabilidade dos objetos comerciais. Seriam, ao mesmo tempo, inalienáveis como os primeiros e alienáveis como os segundos, porque eles funcionam ao mesmo tempo como substitutos dos objetos sagrados e como substitutos das pessoas humanas. São ao mesmo tempo objetos de poder como os primeiros e riquezas como os segundos. Não é apenas, como disse Mauss, partindo de uma observação de bom senso, porque “nos damos quando os damos”. De fato, o que está presente no objeto, com o proprietário, é todo o imaginário de uma sociedade, de sua sociedade. São todos os duplos imaginários dos seres humanos, aos quais estas sociedades atribuíram (não se pode dizer que emprestaram pois estes duplos nunca podem tomar nada) os poderes de reproduzir a vida, de trazer saúde, prosperidade ou os seus contrários, fome, extinção do grupo (ver Godelier 2001, capítulo 1, especialmente páginas 52-65).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- APPADURAI, Arjun. 1997. "Introduction: Commodities and the Politics of Value". In A. Appadurai (ed.) *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*. Reimpressão. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAUDRILLARD, Jean. 1996. "O Objeto e seu Destino". In *As Estratégias Fatais*. Rio de Janeiro: Rocco.
- CAMINO, Rizzardo da. s/d. *Breviário Maçônico*. 3ª. ed. São Paulo: Madras.
- GODELIER, Maurice. 2001. *O Enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HENDERSON, Kent & Tony Pope. 2001. *Maçonaria Universal. Um novo Guia para o Mundo Maçônico*. São Paulo: Madras.
- KEANE, Webb. 1994. "The Value of Words and the Meaning of Things in Estearn Indonesian Exchange". *MAN new series* 29(3): 605-629.
- KOFES, Suely. 2001. *Uma trajetória, em Narrativas*. Campinas: Mercado de Letras.
- KOPYTOFF, Igor. 1997. "The Cultural Biography of Things". In Arjun Appadurai (ed.) *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*. Reimpressão. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARCUS, George. 1995. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multisited Ethnography". *Annual Review of Anthropology* 24:95-117.
- MAUSS, Marcel. 2003. "Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac&Naify.

**Objetos: trajetória social, política e sentidos**

**RESUMO**

---

Em uma pesquisa sobre a maçonaria contemporânea concentrei-me inicialmente em algumas noções que, combinadas ou sob tensão disjuntiva, circunscreveriam a maçonaria. Por exemplo, o segredo, as convicções compartilhadas e a ajuda mútua. O objetivo da pesquisa seria mapear e compreender: 1) o campo interno das noções, ideais e pressupostos da maçonaria (através da bibliografia nacional e internacional); 2) suas transformações e contextos de embate (em torno, por exemplo, de mito e história; ritual e escrita, segredo e publicidade, ética e corrupção); 3) as organizações locais da maçonaria, trajetórias de maçons e redes locais e translocais, durante o período de 1950 até os dias atuais. Durante a pesquisa, entretanto, observei a importância de peças de roupas, móveis, formas de construção, brasões, bordados, quadros, esculturas, desenhos e letras, compondo o campo de reconhecimento da maçonaria. Reproduzindo-se e traduzindo-se em locais distintos – em prédios maçônicos, nas cerimônias e ritos, em imagens de livros, em sites de Internet e em museus maçônicos –, estes objetos põem em circulação valores morais e historicidades. Neste artigo, sugiro que através de tais objetos são tecidos sentimentos de pertencimento e redes de socialidade; praticam-se ritos que re-apresentam idéias de igualdade em uma instituição que é altamente hierarquizada; e, ainda, sustentam-se concepções e relações de gênero na formatação da instituição maçônica. Finalmente, tais objetos e formas demarcam distinções no campo maçônico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia Social, coisas e pessoas, política e moralidade, maçonaria contemporânea.

**Objects: Social Trajectory, Politics and Meanings**

**ABSTRACT**

---

While researching about contemporary freemasonry I discovered the importance of certain pieces of clothes, furniture, building patterns, blazons, embroideries, paintings, sculptures, drawings and letters; all these composing the field of acknowledgment of the freemasonry. These objects, reproduced and translated in distinct places – in the building of the temples, in ceremonies and rituals, in images of books, in sites of Internet and in masonic museums – make moral values and historicity circulate. Also through these objects feelings of belonging and sociality networks are woven. In this paper I would like to discuss the reproducibility and the meanings of such objects in actions and political recruitments.

**KEYWORDS:** Social Anthropology, things and persons, politic and morality, contemporary freemasonry.

Recebido em 25/01/2008

Aceito em 21/02/2008